



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Educação

LARISSA NEVES DINIZ

**A PEDAGOGIA E O PEDAGOGO PARA ALÉM DA
DOCÊNCIA: UMA ANÁLISE DE ARTIGOS CIENTÍFICOS
(2017-2021)**

BRASÍLIA-DF

2022

LARISSA NEVES DINIZ

**A PEDAGOGIA E O PEDAGOGO PARA ALÉM DA
DOCÊNCIA: UMA ANÁLISE DE ARTIGOS CIENTÍFICOS
(2017-2021)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia, à banca examinadora da
Faculdade de Educação da Universidade de
Brasília, sob a orientação da Profa. Dra.
Caetana Juracy Rezende Silva

BRASÍLIA –

DF 2022

LARISSA NEVES DINIZ

**A PEDAGOGIA E O PEDAGOGO PARA ALÉM DA
DOCÊNCIA: UMA ANÁLISE DE ARTIGOS CIENTÍFICOS
(2017-2021)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia, à banca examinadora da
Faculdade de Educação da Universidade de
Brasília, sob a orientação da Professora
Dra. Caetana Juracy Rezende Silva

Profa. Dra. **Caetana Juracy Rezende Silva**
Orientadora

Profa. Dra. **Vânia do Carmo Nobile**
Membro da Banca Examinadora
Núcleo Pedagógico campus Brasília IFB

Profa. Dra. **Caroline Bahniuk**
Membro da Banca Examinadora
TEF/FE/UnB

Profa. Dra.
Membro da Banca Examinadora - suplente

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que nunca mediram esforços pela minha educação, aos meus professores que me transmitiram preciosos conhecimentos, aos colegas de curso com os quais compartilhei tantas angústias e vitórias e a mim por não ter desistido mesmo em tantos percalços.

À arte, escrita, falada, vista e vivida por ter me dado direcionamento quando tudo parecia perdido, por ter floreado o caminho e ter sido válvula de escape quando a pressão externa parecia não ter fim.

Por fim, à educação. A ciência pela qual me apaixonei, com a qual me envolvi e me tornei amante. A ciência que me fez abrir os olhos perante o mundo e que transformou minha posição no mundo, transformando-a em uma luta diária.

“A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida.”

John Dewey

RESUMO

A função docente do pedagogo tem se perpetuado como sua identidade, que, em meio a tantas funções a ele atribuídas, não raro o dispersa de identificar a educação como ciência e enxergar sua atuação como cientista que estuda essa ciência. O presente trabalho pretende analisar e discutir, através de uma pesquisa qualitativa de levantamento bibliográfico, quais foram ou quais são os motivos pelos quais os profissionais graduados no curso de pedagogia não expandem o olhar sobre o próprio papel, compreendendo-se como educador cientista. Acredita-se que, para transfigurar seu papel na sociedade, é necessária uma formação que não se redunda à sala de aula e que o próprio profissional tenha conhecimento do que ele pode fazer para além de lecionar. Tendo como referencial teórico Libâneo (2002), Brandão (1981) e Ghiraldelli (2017), foram selecionados e analisados artigos científicos em português, publicados no período de 2017 a 2021, decorrentes de estudos sobre o referido tema. Os textos analisados trouxeram vários apontamentos e boas discussões sobre o papel e a identidade do pedagogo, discussões estas que buscamos sistematizar neste trabalho de conclusão de curso. Nesse sentido, espera-se que este estudo possa contribuir para os debates sobre a identidade do pedagogo, a fim de superar o reducionismo impresso pelas legislações, ambientes de trabalho e formação acadêmica. Por fim, muitos são os fatores que contribuem para esse cenário que precisa ser urgentemente revisto e repensado de modo que a valorização da formação desse profissional possa finalmente triunfar.

Palavras-chaves: Pedagogia; Identidade do Profissional do Pedagogo; Ciência da Educação; Cientista da Educação; Espaço não escolar.

ABSTRACT

The pedagogue's teaching role is the most emphasized aspect of his identity, which, in so many functions attributed to him, often disperses him from identifying education as a science and seeing his role as a scientist who studies this science. This study intends to analyze and discuss, through qualitative research of a bibliographic survey, what were or what are the reasons why professionals who graduated in the pedagogy course do not expand their view on their role, understanding themselves as a science educator. This perspective would allow transfiguring its role in society. A change like that requires academic training beyond the classroom and that the professional himself knows what he can do in addition to teaching. Using Libâneo (2002), Brandão (1981), and Ghiraldelli (2017) as a theoretical framework, scientific articles published in Portuguese, published between 2017 and 2021, and resulting from studies on the subject, were selected and analyzed. The analysis of this material brought many discussions about the role and the identity of the pedagogue. We endeavor systematize these discussions in this course conclusion work. In this sense, it is hoped that this study can contribute to debates about the identity of the pedagogue. And help to overcome the reductionism imposed by legislation, work environments, and academic training. Finally, many factors contribute to this scenario that needs to be urgently reviewed and rethought so that the valorization of the formation of this professional can, finally, triumph.

Keywords: Pedagogy; Identity of the Pedagogue Professional; Education Science; Education Scientist; Non-school space.

MEMORIAL

Relembrar é viver, escrever sobre uma vida toda é tomar boas doses de nostalgia e reinterpretar uma trajetória descobrindo os efeitos delas sobre quem sou hoje. Em breve me formarei pedagoga, portanto, nada mais justo que refazer esse caminho, são lembranças de uma educação para a educação. A pedagogia sempre esteve presente e agora mais que nunca estará eternamente em mim.

Nasci em 1999 e minha história começa muito antes deste ano e acredito firmemente que isso faça parte do meu processo de educação. Em 1997, dois jovens, moradores de uma pensão na Asa Sul, vêm para Brasília em busca de uma vida melhor, ela vindo da Bahia, de uma aldeia indígena, do povo Pankararus, e ele vindo de Curitiba no Paraná, se conhecem, vivem uma história de amor proibida e geram um fruto dessa história, por tantos motivos esses jovens decidem doar essa criança a outro casal e ainda bem que isso aconteceu. Hoje escrevo este memorial para o meu trabalho de conclusão de curso para a Universidade de Brasília, mas até chegar aqui, muita coisa aconteceu.

Nasci em Brasília e cresci na Samambaia, uma das regiões administrativas do Distrito Federal, minha boa e velha quebrada, onde tomei gosto pelo RAP e HipHop e descobri o valor de fazer parte da periferia, de acordar cedo para não perder o transporte público e conhecer todos os enfermeiros do postinho de saúde. Onde também frequentei a mesma igreja por 23 anos e cresci numa mesma comunidade, vendo todo mundo também crescer e se tornarem adultos e construírem suas famílias ou carreiras, essa fase dos vinte e poucos anos tem muitas variações de realizações.

Meus pais relatam que sempre fui muito levada e inteligente, ligada à música e sempre muito curiosa, aprendi a falar dos 2 pros 3 anos e escrevi já no primeiro ano de pré-escola. Em 2002, ingressei no maternal, numa escola de bairro, chamada Escola Recanto Infantil Criança Feliz, lembro que era numa casa, vizinha às outras casas e que 90% das crianças nascidas desde 1994 na vizinhança finalizou a pré-escola lá e, diga-se de passagem, boa parte deles hoje em dia são realizados profissionalmente.

A forma como a pessoa se coloca diante do mundo pode ser trabalhada durante toda sua vida, mas acredito também que a forma como viverá, no que acreditará e suas posturas perante a vida já dão apontamentos desde criança. Em todo o período pré escolar fui uma criança muito independente e decidida, foi minha mãe quem chorou quando me deixou para o primeiro dia de aula, estava eu lá com uma calça jeans, blusa verde e maria chiquinhas no cabelo, na porta da sala de aula, dando tchau pra ela, enquanto se derramava em lágrimas. Não demorou muito fiz amigos que passaram pelo mesmo processo educacional que eu até o ano de nossa formatura.

Esse período de maternal e pré-escola foi de extremo desenvolvimento apesar de lembrar pouco desse tempo, tenho fortes lembranças das festas juninas, minha irmã mais velha sempre fazia questão que eu fosse a noiva ou a rainha da pipoca, ela vendia centenas e centenas de rifas para que eu ganhasse os concursos.

Nessa escola as datas comemorativas eram sempre muito celebradas, carnaval tínhamos o baile de fantasias e muito confetes, na Páscoa muitos ovos e alguma "tia" fantasiada de coelho (e eu amava descobrir quem estava por detrás das fantasias, eu era racional demais, não me deixava levar por nenhum encanto, vivia o momento, mas sabia que era de mentirinha), festas juninas, dia do "índio", natal e outros, mas preciso ressaltar que não me lembro em nenhum momento da comemoração do dia da consciência negra. Hoje depois de minha formação sei a importância da ressignificação dessas datas, principalmente por ser indígena e ter muita gana de desmistificar esses dias e transformá-los em luta e não em festa.

Todo esse cenário se repetiu de 2002 a 2005 e tenho poucas lembranças sobre o processo de aprendizagem, mas me lembro perfeitamente do cheiro de álcool nas folhas de atividades rodadas na hora para a turma. As atividades pontilhadas, o abecedário colado no alto do quadro, as inúmeras cartolinas espalhadas pela sala de aula e a professora ensinando a fazer o "a" maiúsculo e cursivo usando um aviãozinho de papel ainda estão frescos em minha mente. Lembro também da energia caótica para ter uma caligrafia bonita, mas como exigir tanta perfeição de uma criança de 4 anos, ainda bem que a pedagogia evolui.

Aos 4 anos já sabia ler e escrever, aos 5 anos entreguei meu primeiro poema para minha mãe e daí nasce uma escritora, uma menina apaixonada pela literatura e escrita, sem muita consciência do poder disso na minha vida, mas que certamente foi fundamental em toda minha trajetória. Minha última professora foi a "Tia" Venina, que mulher esplendorosa, quanto amor tinha em sua profissão, quanta entrega, quanta dedicação. Ela foi meu primeiro grande exemplo de profissional e ainda continua sendo uma inspiração. Mesmo sendo minha última professora dessa etapa, ela sempre foi presente nos 4 anos em que estive por lá, me acolheu como filha e cuidou de mim todos os dias, pra muito além da teoria.

Em 2006, foi o ano de transição, ingressei na 1ª série¹ do ensino fundamental. Um ano complicado de adaptações onde mais uma vez fui salva por uma professora, a Ana. Fiquei por um período de 2 meses na escola pública, fui alvo de *bullying* e agressões, foi bem difícil a adaptação, mas fui acolhida pela professora. Recomendaram que eu fosse trocada de escola e assim meus pais fizeram. Bem perto dessa escola havia uma outra, particular, na qual fui matriculada e realizaram um teste de nivelamento. Meu nível de aprendizagem e base da pré-escola eram bem desenvolvidos, fiquei pelo período de um ano apenas, e entrei logo para a 2ª série². Não fiz muitos laços, novamente tive uma única amiga, a professora Rosa. Mais uma vez a figura do professor se fez relevante em minha trajetória.

Em 2007, mudo mais uma vez de escola, dessa vez ficaria nessa instituição por 5 anos. Mais uma vez, outro período de adaptação, outra formação de amizades, mais uma chance de socialização. Nesse tempo minha personalidade já estava mais forte, então fiz amigos mais rápidos e descobri a pessoa extrovertida carismática que sou.

Dessa vez não fui amiga da professora, na verdade foi um ano em que menos gostei da profissional que me acompanhava, ela claramente fazia uma assepsia de alunos e tinha seus preferidos, fato é que por duas vezes urinei nas roupas, porque ela me proibiu de ir ao banheiro, coisas simples, mas que me

¹ Nomenclatura utilizada à época, atual 1º ano do ensino fundamental I.

² Nomenclatura utilizada à época, atual 2º ano do ensino fundamental I.

marcaram. Nesse ano descobri o quão competitiva eu sou, aprendi a tabuada em uma semana para minha equipe ganhar a competição de Matemática.

O ano de 2008 foi bem especial para mim, conheci a professora Lislei e dava pra sentir o amor por ensinar de longe. Confesso que não me lembro muito do que aprendi naquele ano, mas me lembro de ser muito querida, assistida e cuidada por essa professora, me dedicava muito nas tarefas e sempre entregava coisas caprichadas para não decepcioná-la.

O ano seguinte foi mais uma vez de adaptação, era o ingresso no ensino fundamental II, várias matérias, vários professores diferentes e a primeira nota baixa, em História, eu e mais 45 pessoas diga-se de passagem. Custou acreditar que o problema era os alunos, professor Paulo era um tanto quanto carrasco demais. Entre 2009 e 2011, o desenrolar dos anos eram os mesmos: bimestres, feira de ciências, feira de inglês, feira dos países, a descoberta das paixões arrebatadoras, os primeiros beijos, o fim da infância.

Durante esse período, poucos professores me marcaram de verdade, mas teve um que eu jamais vou esquecer, professor André de língua portuguesa, ele era leve, divertido, engraçado, ensinava brincando e graças a ele minha base de português foi consolidada, peguei gosto pela escrita e nunca me esqueci quais são os verbos de ligação.

Pensando já na minha preparação para a faculdade, com vontade de viver o novo, pedi a meus pais que me trocassem de escola no 9º ano, fiz provas de bolsas e mudei de escola no ano de 2012. Sem dúvida nenhuma o melhor ano da minha vida escolar. Tive os melhores professores, construí minhas verdadeiras amizades e finalmente ouvi falar em UnB. A partir desse ano, minha mãe deixou de ir em reuniões escolares, porque a queixa era sempre a mesma: a “Larissa é ótima aluna, têm ótimas notas, mas conversa muito”. Eu era a nerd que bagunçava, minha política era estudar em casa pra bagunçar na escola, e nas atividades de sala terminar logo para continuar conversando.

Meus professores permaneceram os mesmos até o final do ensino médio, em 2015. Tenho um carinho enorme por todos, absolutamente todos moldaram quem sou hoje, com exemplos, ensinamentos, histórias, puxões de orelha, mas um em particular me fez pensar em agir pelo mundo e foi ele quem me sugeriu cursar

pedagogia. Durante todo o ensino médio, alterei muito a opção para prestar o PAS³. Hoje, mais madura, percebo como o peso de tantos professores exemplares na minha trajetória influenciou na minha decisão de seguir a carreira educacional. Percebo que de alguma forma sempre vi amigos no lugar dos professores e a amizade me fez criar afeto pela profissão.

Em 2016, ingressei na UnB e talvez uma palavra defina esse momento: catastrófico. Eu, uma menina de 17 anos, em um mundo completamente novo, me senti insegura, com medo, assustada com tudo aquilo, mas mantive minha pose de coragem e minha vontade de fazer acontecer. Logo no segundo semestre da faculdade, comecei a estagiar e se eu pudesse dar um conselho para a Larissa de 2016, certamente, diria para se dedicar mais à Universidade e menos ao trabalho. Desde então, me tornei alguém dependente do trabalho, não só pelo dinheiro, mas pelo fato de me sentir útil. O caos foi se instalando na minha cabeça e, com o passar do tempo, das experiências, cada vez mais eu gostava menos da pedagogia. Os primeiros semestres me fizeram desistir do curso, percebi como eu não queria atuar em sala de aula. Tranquei o curso no final de 2017.

Em 2018, com a cabeça fria, depois de muito pensar e analisar retornei à faculdade, as matérias que eram relacionadas ao ensino infantil e fundamental I passaram e, finalmente, comecei a pegar matérias sobre políticas públicas, formação continuada, orientação e afins. Junto a esse movimento, iniciei o estágio no Senado Federal, onde permaneci por 2 anos e onde tudo se transformou na minha cabeça, e foi aí, nesse momento, em outra fase da graduação, que eu me apaixonei pela educação, não só como fonte de saber, mas como fonte de transformação. Foi nesse cenário que descobri o poder de ser pedagogo, o poder de estar em todos os lugares, por que era necessário estar, por que a visão desse profissional é essencial em qualquer espaço.

Em 2019, fiz o primeiro estágio numa escola pública, onde incrivelmente me encantei pela sala de aula, a maturidade e o discernimento com o passar dos anos me permitiram ressignificar o papel do professor tanto em sala de aula quanto fora dela. Foi uma experiência incrível, momentos de muita adrenalina e

³ Programa de Avaliação Seriado. O PAS é um processo seletivo realizado pela UnB ao longo dos três anos do ensino médio. Metade das vagas dos cursos de graduação são, atualmente, reservadas para estudantes ingressantes por esse programa.

descobertas, foi um semestre de aprendizados e trocas intensas, ali eu perdi o medo de assumir alguma turma no futuro não tão distante.

Em 2020, temos a pandemia e mais uma vez uma baita transformação de cenário, de modo de estudo, de pensamentos e hábitos. Mais uma adaptação pela qual foi difícil passar, me vi muitas vezes desmotivada, querendo encontrar um motivo pra continuar, cheguei até a mudar de estado para conseguir continuar, e isso me ajudou bastante. Foi um período difícil, sem trabalhar, um semestre suspenso e muitas dúvidas no coração. As aulas retomaram na segunda metade do ano e então as coisas foram acalmando mais.

O ano de 2021 foi decisivo para minhas escolhas perante a pedagogia, retornei à Brasília, peguei mais matérias em que pude estudar a sociedade como um todo e cada vez mais me apaixonava pelo o que o pedagogo pode fazer fora da escola. Nesse sentido, precisava iniciar o segundo estágio obrigatório e tive sorte de encontrar um exatamente na área pela qual me encantei, que trata sobre a pedagogia em ambientes não-escolares.

Esse estágio obrigatório foi fundamental para a decisão do tema do meu trabalho de conclusão de curso. Ele, além de me fazer viver uma experiência diferente, me deixou com pulgas atrás da orelha que me instigaram a pesquisar mais sobre esse mundo. No geral, a Universidade me fez chorar, sorrir, sonhar, desistir de sonhos, mas me fez acreditar no mundo de forma mais racional, me fez acreditar na minha capacidade de transformar meu mundo de alguma forma através da ciência que estudo. Me culpei muitas vezes por não ter aproveitado a Universidade como outros colegas, que se debruçaram em pesquisas, PIBIC's⁴ e extensões, mas acredito que cada um vive uma trajetória única e a minha foi muito bonita, forte e cheia de voltas por cima, e não deixa de ser incrível por ter sido diferente.

Sou extremamente grata por todos esses anos na Universidade de Brasília, por todos os professores que me acolheram e me ensinaram a profissão, chegar até aqui é parte da vitória, a outra parte eu vou construir conforme eu mudar a vida de uma pessoa que seja, a cada ato educacional que realizar.

⁴ Programas voltados à iniciação científica. A sigla vem do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

Finalmente, em 2022, concluo meu curso e pretendo deixar este memorial vivo, sempre com reticências e jamais com um ponto final. A história da minha vida só está começando e há muito por vir, estudar, fazer, viver e acontecer. A educação me salvou muitas vezes, salvou até de mim mesma. A pedagogia me abraçou no maternal, me protegeu no ensino fundamental, me orientou no ensino médio e me fez pedagoga no ensino superior. Ela nunca esteve longe de mim e eu nunca mais estarei longe dela.

SUMÁRIO

RESUMO	6
ABSTRACT	7
MEMORIAL	8
INTRODUÇÃO	16
ABORDAGEM METODOLÓGICA	18
REFERENCIAL TEÓRICO	20
OS ARTIGOS	25
Texto 1: Ricardo, 2018	25
Texto 2: Araújo, Rodrigues e Aragão, 2017	27
Texto 3: Lima, 2018	29
Texto 4: Cunha e Santos, 2021	32
Texto 5: Castaman, Junges Júnior e Vieira, 2020	33
Texto 6: Alvarez e Rigo, 2018	36
Texto 7: Pooli e Ferreira, 2017	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	43
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICE: QUADRO DOS ARTIGOS SELECIONADOS	45

INTRODUÇÃO

A função docente do pedagogo tem se perpetuado como sua identidade, que em meio a tantas funções a ele atribuídas, não raro, o dispersa de identificar a educação como ciência e a sua atuação como o cientista que estuda essa ciência. O presente trabalho pretende analisar e discutir, através de uma pesquisa qualitativa de levantamento bibliográfico, quais foram ou quais são os motivos pelos quais os profissionais graduados no curso de pedagogia não expandem o olhar sobre o próprio papel, compreendendo-se como um educador cientista. Acredita-se que, para transfigurar seu papel na sociedade, é necessária uma formação que não se redunda à sala de aula e que o próprio profissional tenha conhecimento do que pode fazer para além de lecionar.

Este estudo parte da inquietação se o profissional da pedagogia tem sido capaz de identificar adequadamente a amplitude de seu campo de atuação, que tem abrangido cada vez mais diferentes espaços para além do escolar. Nossas suposições iniciais passavam pela ideia de que essa visão ampliada tem sido dificultada e ocultada por mecanismos sociais e legais, por meio da padronização reducionista de funções, entre outros fatores, com impacto na desvalorização da classe. Em concordância com Libâneo (2002), assumimos que a pedagogia não sendo vista como ciência pela sociedade impede o reconhecimento e desenvolvimento desses profissionais para que conheçam e assumam outros papéis que não o de docentes em ambiente escolar.

Este estudo se fundamenta na compreensão de que o profissional da pedagogia não tem sido capaz de identificar adequadamente a amplitude de seu campo de atuação, que tem abrangido cada vez mais diferentes espaços para além do escolar. Essa visão ampliada tem sido dificultada e ocultada por mecanismos sociais e legais, por meio da padronização reducionista de funções, entre outros fatores, com impacto na desvalorização da classe. A pedagogia não sendo vista como ciência pela sociedade, tal qual como é, impede o reconhecimento e desenvolvimento desses profissionais para que conheçam e assumam outros papéis que não o de docentes em ambiente escolar.

Porém, para se discutir a ampliação do papel desse profissional é necessário, antes, entender o que de fato é a educação. Como destaca Brandão (2017), a educação pode ocorrer em qualquer lugar, em processos sistematizados ou não, pelo contato direto ou não, em espaços formais, informais e não formais. Em qualquer espaço da vida social, sob quaisquer circunstâncias em que ocorra

algum processo que se relacione com o aprendizado, com a troca de experiências, há ali educação. Antes de ser um processo formal, como visto no ambiente escolar, a educação é uma práxis social, atravessando toda a sociedade, desde dentro da própria família, às mais várias situações em que ocorre o processo educativo.

Nesse sentido ampliado, é possível compreender que o fazer pedagógico extrapola as paredes da escola e se faz presente nas relações humanas. Ao sedebuchar sobre esses processos buscando sistematizá-los, a pedagogia se volta para compreensão das práticas educativas ocorridas nos distintos nichos sociais, dando vez a práxis pedagógica, ao colocar em diálogo teoria, prática e reflexão. Essa concepção ampliada de educação reflete sobre aquele que estuda essa ciência ao perceber a multiplicidade de possibilidades de ramos desse campo de estudos sobre os quais poderá se debruçar.

A importância de identificar a pluralidade dessa ciência é o que pode desconstruir barreiras, uma vez que ela é necessária para a transformação da sociedade.

Assim como a sociologia se desdobra para estudar a sociedade como um todo, incluindo também a educação, é a pedagogia que estuda a educação em sua forma mais íntegra e profunda, analisando o que dela pode advir em suas diversidades, ocupando-se, como destacado por Libâneo (2007), da educação intencional, independentemente da maneira ou de onde ocorra. Fora do espaço escolar, a pedagogia vai se ocupar do processo educativo, seus sentidos e finalidades, assim como possibilidades de intervenção e transformação.

Autores da educação como: Libâneo, Brandão, Ghiraldelli, têm se manifestado sobre a redução do estudo do trabalho pedagógico àquele que ocorre em sala de aula, apontando a necessidade de análises e discussões sobre o tema. Há necessidade de observar a pedagogia para a pedagogia, a pedagogia para educação e a educação para a pedagogia, dialogicamente, de forma inseparável. Não há pedagogia sem educação, mas há educação sem pedagogia, essa é sobre essa epistemologia em que baseia a ciência da educação, é sobre essa ideia que os pedagogos, como cientistas, estudam.

O presente trabalho surge da inquietação sobre essas e outras questões relacionadas à formação do pedagogo para atuação como um cientista capaz de se debruçar sobre o fenômeno educacional para além do que ocorre no espaço escolar. Trata-se de um primeiro movimento na tentativa de se apropriar do que tem sido discutido nesse campo.

É nesse sentido que, conforme apresentado anteriormente, este estudo busca identificar em produções mais recentes os motivos que têm dificultado um olhar mais largo e profundo dos pedagogos em relação ao campo de estudo da pedagogia.

A seguir, abordaremos os procedimentos adotados para o levantamento bibliográfico, explicitando as opções utilizadas para a delimitação da busca e para a seleção e análise das produções. Em seguida, é apresentada uma breve explicação sobre referencial teórico assumido. Após, é apresentado um breve apanhado dos textos selecionados, buscando explicitar os principais argumentos e perspectivas identificados. Enfim, são apresentadas as considerações finais.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

Para o trabalho em questão utilizou-se o método de pesquisa bibliográfica, de viés qualitativo. Foi escolhido esse modo de pesquisa pelo interesse de observar os posicionamentos daqueles que trabalham e estudam sobre a educação, uma vez que a identidade e valorização da classe advém também daqueles que estão inseridos no contexto.

Os dados utilizados neste trabalho foram pesquisados nas bases documentais: *Scientific Electronic Library Online* (SciELOBrasil) e Google Acadêmico, restringindo-se ao tipo artigo científico. O período selecionado para a busca da literatura contribuiu para a estruturação e desenvolvimento da análise do tema compreendeu do ano de 2017 ao ano de 2021.

Para pesquisa utilizou-se os termos que estivessem relacionados ao tema descrito no que diz respeito à atuação do pedagogo em ambientes não escolares, formação docente e o pedagogo como cientista da educação, são eles: identidade pedagógica, cientista da educação e formação de pedagogos, ciência da educação, pedagogia.

No sítio SciELOBrasil foram usados os termos: identidade pedagógica, cientista da educação e formação de pedagogos. Para a busca, utilizou-se os filtros que refinaram os resultados: no campo de bases, o artigo foi o tipo de documento escolhido; no campo de busca, foram selecionados os campos título, resumo e

palavras-chaves; no campo período: os anos de 2017 a 2021. Ao final, foram encontrados 6 (seis) artigos.

No sítio de pesquisa Google Acadêmico, foram utilizados os termos: identidade pedagógica, ciência da educação, pedagogia. A busca inicial foi feita pelos campos: título, palavras-chaves e resumo, com a delimitação do período de 2017 a 2021. Foram encontrados 11 (onze) artigos.

Na primeira etapa, foram identificados 17 (dezesete) textos relacionados ao assunto pesquisado, não tendo sido encontrado nenhum do ano de 2021. Os artigos foram avaliados em um primeiro momento através de seus resumos. Dentre os artigos identificados no Google Acadêmico, após a leitura dos resumos, 6 (seis) foram selecionados para análise. O quadro a seguir apresenta um resumo das fases de levantamento e seleção.

Quadro 1: Fases de levantamento e seleção

Fase 1	Fonte	Termos	Campos	Tipo de documento	Período	Número de artigos encontrados
levantamento inicial	Scielo Brasil	identidade pedagógica, cientista da educação e formação de pedagogos	título; palavras-chaves; resumo	artigo	2017 a 2022	6
	Google Acadêmico	identidade pedagógica, ciência da educação, pedagogia				11
Fase 2	Fonte	Procedimento			Número de artigos selecionados	
seleção	ScieloBrasil				1	
	Google Acadêmico	Leitura dos resumos			6	

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 2: Principais referências utilizadas nos artigos selecionados

Texto/Grupo	Autor(es)	Título	Referencial utilizado
Texto 1 - Grupo 1	RICARDO, Jonathan G. S.(2018)	O papel do cientista pedagógico numa sociedade complexa: entre a prática, o academicismo e o comprometimento social	Paulo Freire , Mário Sérgio Cortella ; Vera Maria Ferrão Candau
Texto 2 - Grupo 1	ARAÚJO, Osmar H.; RODRIGUES, Janine M. C.; ARAGÃO, Wilson H. O (2017)	O (des)lugar da pedagogia e da didática na formação dos professores	Maria Amélia Santoro Franco ; Sema Garrido Pimenta ; José Carlos Libâneo
Texto 3 - Grupo 2	LIMA, Cláudia de M. (2018)	Pedagogia Líquida: um caminho para a ciência da práxis	István Mészáros , Dermeval Saviani , Gaudência Frigotto e Maria Ciavatta , José Carlos Libâneo , Selma Garrido Pimenta
Texto 4 - Grupo 1	CUNHA, E. G.; SANTOS, J. L. (2021)	Pedagogia e Pedagogos: uma análise curricular sobre a formação	J. C. Libâneo , S. G. Pimenta ; C. Brandão ; Ilma Passos Alencastro Veiga ; Paulo Freire ; Márcia Ângela Aguiar ; Ghiraldell
Texto 5 - Grupo 1	CASTAMAN, Ana Sara; JUNGES JÚNIOR, Mário L.; VIEIRA, Josimar A. (2020)	A formação inicial enquanto espaço de desconstrução da experiência primeira: a construção do espírito científico do profissional pedagogo	Pierre Bourdieu , Jean-Claude Chamboredon e Jean-Claude Passeron ; Gaston Bachelard ; Menga Lüdke ; John Elliott ; Selma G. Pimenta ; José C. Libâneo ; Alessandro de Melo ; Ivonaldo Neres Leite ; Dirce Mendes da Fonseca ; Boaventura de Sousa Santos; David Velanes, entre outros
Texto 6 - Grupo 2	ALVAREZ, Adrian; RIGO, Mariana (2018)	Pedagogia em ação: o papel do pedagogo e suas diversas atuações	Maria Amélia Santoro Franco ; Sema Garrido Pimenta ; Ribeiro ; José Carlos Libâneo

Texto 7 - Grupo 2	POOLI, João Paulo; FERREIRA, Valéria M. R. (2017)	Pedagogos construindo suas identidades: entre adscrição e escolhas	Stuart Hall ; Zygmunt Bauman ; Norbert Elias
-------------------	--	--	---

Com a leitura completa dos textos, os 7 (sete) artigos que estavam interseccionados com o objetivo do trabalho foram divididos em dois grupos, para dois momentos diferentes da discussão. O primeiro grupo trata especificamente da formação docente e suas contribuições para a construção da identidade do pedagogo, já o segundo grupo reúne os textos que mostram vários fatores que contribuem para o distanciamento da compreensão da pedagogia como ciência.

A sequência de procedimentos apresentada permitiu a análise de como, nos textos selecionados, são tratadas questões tais quais a atuação do pedagogo nos ambientes não escolares, a formação docente como base determinante para a identificação profissional do pedagogo e os pontos que auxiliam na negação da pedagogia como ciência.

REFERENCIAL TEÓRICO

Na busca por compreender o problema da atuação e significado da presença desses profissionais em espaços que não os escolares, tomou-se como referencial teórico Libâneo (2002; 2010), Brandão (1981) e Ghiraldelli (2017).

Com base nesses autores, buscamos identificar pré-conceitos estabelecidos pelo senso comum em torno do tema aqui discutido, e nos orientar em relação aos debates sobre as concepções de pedagogia e de educação e sobre o campo de atuação do pedagogo e sua identidade profissional.

Como antecipado na seção introdutória deste trabalho, antes de discutir pedagogia, é necessário que se discuta sobre educação. Mas afinal o que vem a ser a educação? Com um conceito ampliado, podemos identificar a educação em qualquer espaço ou relação social que envolva aprendizagem. Em seu livro “O que é educação”, Brandão (1981) destaca que a educação não requer necessariamente uma estrutura formalizada e sistematizada para que aconteça, ela é uma ação pluralizada. Nas palavras do autor:

“A educação existe onde não há a escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra,

onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado" (BRANDÃO, 1981, p. 6).

Antes da sua sistematização, a educação é um processo livre em que se adquire, conhecimento, costumes, cultura. Vivemos em uma aldeia, em grupos e compartilhamos experiências, diante disso aprendemos o novo com o outro. Isso é reforçado por esse autor nos seguintes termos:

“Vista em seu vôo mais livre, a educação é uma fração da experiência endoculturativa. Ela aparece sempre que há relações entre pessoas e intenções de ensinar-e-aprender. Intenções, por exemplo, de aos poucos "modelar" a criança, para conduzi-la a ser o "modelo" social de adolescente e, ao adolescente, para torná-lo mais adiante um jovem e, depois, um adulto. Todos os povos sempre traduzem de alguma maneira esta lenta transformação que a aquisição do saber deve operar. Ajudar a crescer, orientar a maturação, transformar em, tornar capaz, trabalhar sobre, domar, polir, criar, como um sujeito social, a obra, de que o homem natural é a matéria-prima.” (BRANDÃO, 1981, p. 10)

Uma característica marcante da perspectiva manifestada pelo autor é a forma como trata a educação em sua qualidade plural, para demonstrar a versatilidade do educar como forma de proporcionar diversas experiências, tanto individuais como coletivas, extinguindo assim, sob o seu ver, a sustentação de que há apenas um modo de educar. Para Brandão, não existe um único contexto ou um padrão cultural no qual a educação acontece. Ela pode se dar de diversas maneiras distintas e ainda assim preservar a coerência do saber em seu sentido puro e literal. Apresenta-nos uma visão de que educar possui vários sentidos e assim, várias razões de ser e existir.

Na introdução da obra citada, Brandão reproduz um trecho da “Carta dos índios”, que foi redigida por eles aos governantes dos Estados Unidos. Nessa carta, o pajé se refere à educação com o reconhecimento de que diferentes nações têm distintos modos de pensar e percepções díspares das coisas, e que a sabedoria está nesse reconhecimento. Mesmo sobre repressão, e tendo negados toda cultura e os ensinamentos indígena, devido a opressão sofrida durante a colonização, é

possível observar como a educação preservou aspectos que formavam a identidade indígena, de maneira a se perpetuar mesmo com as adversidades.

A máxima expressa pelo autor, logo na primeira frase do livro citado, é a de que "ninguém escapa da educação" (Brandão, 1981, p. 6). Ela está inserida no cotidiano das pessoas, em suas vidas, rotinas e no trajeto de toda formalização profissional e pessoal da humanidade. Trata-se de uma pequena parte do modo de vida em que as pessoas se socializam e distribuem suas culturas, atravessando modos de saber, religião, política, tecnologia, que precisam se reinventar para acompanhar o progresso de suas estruturas. Dessa forma, a prática de educar, como também viver, possibilita diversas formas de aprendizagem, porém, respeitando o sentido da vida e preservando a própria realidade social, respeitando suas diferenças e valores.

Uma das formas de enxergar a educação expressa pelo autor é a ideia da coletividade embalada na troca de saber, na qual aprendemos uns com os outros (BRANDÃO, 1981, p. 74), um processo dialético primordial em que ensinar e aprender fazem parte da mesma dinâmica de formação pedagógica.

Para ele, a educação vai além da pedagogia como racionalidade. A razão de ser não é apenas um ato pra capacitação por meio da transferência de conhecimentos. O gesto de formar pessoas abrange também a ideia de criação de si mesmo, partilhando com os outros e construindo sua vida nessas experiências.

A educação, como sendo a própria vivência e compartilhamento de aprendizagens, é realizada em toda parte em que há partilha de saber, estando dentro da escola ou não. A transferência de saberes entre gerações ocorre em sociedades em que sequer existe um modelo sistematizado ou local específico para desenvolvimento do processo educativo.

O ensino formal, por outro lado, se dá a partir da teorização das práticas educativas, ou seja, "quando a educação se sujeita à pedagogia", compreendida a pedagogia como "teoria da educação" (Brandão, 1981, p. 26). O movimento de racionalizar o ensino e determinar parâmetros educacionais viabiliza a construção de técnicas e métodos, determinando as regras e os profissionais técnicos responsáveis pela consecução

do processo educativo. Nessa perspectiva, a pedagogia se constitui como uma área de conhecimento capaz de promover a reflexão geral e unificadora da educação.

O pedagogo é aquele que estará atuando em diversas instâncias, refletindo sobre suas práticas considerando os diferentes espaços e realidades, estando ligado ou não a instituições com finalidades educativas ou socioeducativas. Essa formulação distingue claramente a atividade profissional do professor, que realiza uma forma específica de trabalho pedagógico e a atividade profissional do pedagogo, que se desenvolve em um amplo leque de práticas educativas.

Por isso, Libâneo (2002) entende que a formação do professor e a do pedagogo deve ser realizada em cursos distintos⁵. Esse autor propõe a compreensão da educação com base em quatro pilares: preparação do aluno para o viver em sociedade; auxiliar o aluno exercitando e promovendo o pensamento autônomo e crítico; a formação para cidadania; e a formação ética.

Na perspectiva apontada por Libâneo (2002), a razão de ser da pedagogia se encontra no fato de esse campo ocupar-se do estudo sistemático das práticas educativas que se realizam em sociedade como processos fundamentais da condição humana. A pedagogia, segundo o autor, serve para investigar a natureza, as finalidades e os processos necessários às práticas educativas com o objetivo de propor a realização desses processos nos vários contextos em que essas práticas ocorrem. Ela se constitui, sob esse entendimento, em um campo de conhecimento que possui objeto, problemáticas e métodos próprios de investigação, configurando-se como ciência da educação.

Libâneo (2002) traz, ainda, reflexões sobre críticas que acusam a pedagogia de falta de precisão em estabelecer o seu objeto de estudo. Tais críticas seriam inconsistentes, decorrentes da falta de entendimento do dinamismo e da complexidade do objeto de estudo da pedagogia, a educação intencional. Para ele, é preciso superar a visão linearizada e estagnada de um objeto de estudo fixo e pontual.

⁵ Os movimentos de reformulação dos cursos de formação de educadores, representados pela Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (Anfope), na década de 1990, defendiam que fosse unificada a formação em um único curso em que a identidade do pedagogo se daria, principalmente, pela função docente.

O autor considera, também, que a relação ensino-aprendizagem é guiada, sempre, por alguma teoria, mas nem sempre tal teoria pode ser explicitada em todo o seu conjunto e detalhes pelos que participam dessa relação – o professor e o estudante, o educador e o educando – da mesma forma que poderia fazer um terceiro elemento, o observador, então munido de uma ou mais teorias a respeito das teorias educacionais.

As reflexões sobre esses processos levam Libâneo (2002) à distinção entre pedagogos em sentido estrito, o profissional a ser formado no curso de pedagogia, e o pedagogo em sentido largo, que abarcaria todos os professores. A formação do primeiro grupo deveria se voltar para todo o estudo do trabalho pedagógico em uma gama de práticas educativas intencionais desenvolvidas nos mais diferentes espaços de vida social. Por outro lado, a formação do profissional especializado na docência, como forma particular de trabalho pedagógico circunscrito à sala de aula (Libâneo, 2022, p. 39), deveria voltar-se para o estudo aprofundado desse campo específico de atuação profissional.

Para Ghiraldelli (2017), o ensino-aprendizagem baseia-se sempre por teorias, contudo a teoria por si só pode não contemplar todos os detalhes que estão presentes nesta relação. Há muito mais que ser observado, é um processo complexo que pode ser analisado por outras teorias e observadores. O encontro singular e inédito entre professor e estudante se constitui, nessa abordagem, uma característica do fenômeno educacional. A ocorrência de encontros do mesmo tipo, não implica a repetição uma vez que será apenas superficialmente similar ao anterior.

Em sua perspectiva, a pedagogia tem, como objetivo principal, a melhoria no processo de aprendizagem dos indivíduos, através da reflexão, sistematização e produção de conhecimentos. A pedagogia, como ciência social, está vinculada a aspectos da sociedade, assim como com as normas educacionais do país.

Na primeira parte do livro "O que é pedagogia", Ghiraldelli (2017) trata das concepções etimológicas da palavra, retomando a trajetória desse campo desde

a Grécia antiga. Nessa obra, o autor trata principalmente da função do pedagogo na concepção de cidadãos coerentes, pela capacidade de escolhas feitas perante os valores que lhes são ensinados, tornando a escola um ambiente não somente de ensino acadêmico, mas um preparatório para o convívio e a formação ética das crianças que ali se encontram.

Um ponto comum entre os autores citados é a necessidade de considerar o ambiente social no qual vivemos, no interior do sistema capitalista, marcado por enorme desigualdade social. Essa consciência exige uma pedagogia com posição clara sobre qual educação visa desenvolver e que ser humano deseja formar.

OS ARTIGOS

Nesta seção, discutiremos sobre os artigos coletados, buscando entender como a literatura e seus respectivos autores vêm elucidando a pedagogia, os currículos e o papel do pedagogo como, para além da docência, também como cientista. Os resumos, de modo geral, dão apontamentos das questões da formação docente, identidade profissional e papel do pedagogo na sociedade. Esses textos serviram de base para a discussão a respeito da finalidade do trabalho do profissional da pedagogia em lugares de não-docência e como isso se aplica à sociedade.

Texto 1: Ricardo, 2018

O primeiro artigo analisado foi "**O papel do cientista pedagógico numa sociedade complexa: entre a prática, o academicismo e o comprometimento social**", de Jonathan Guedes da Silva Ricardo, tendo sido publicado em 2018, na Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Unigranrio.

O trabalho tem como objetivo refletir sobre quem são os pedagogos e qual papel que esses profissionais cientistas representam para a construção de determinado tipo de sociedade. A pesquisa se deu pela observação e acompanhamento de trabalhos pedagógicos desenvolvidos por um grupo de educação básica de Instituições no Rio de Janeiro e Jalisco, no México, de 2016 a

2018, além de experiências próprias dos autores. Como referencial teórico tem Paulo Freire (1997), Mário Sérgio Cortella (2005) e Vera Maria Ferrão Candau (2015). O artigo apresenta a conclusão de que o pedagogo cientista é aquele capaz de trabalhar para além do que foi definido por sua graduação, almejando por mudanças mais profundas no que tange à sociedade. É o agente transformador além do que se concretiza em sala de aula, permeando toda a estrutura educacional. (Ricardo, 2018)

O autor introduz seu texto discutindo sobre quem é a figura do pedagogo e qual seu objeto de estudo, considerando a educação uma área estratégica que merece total atenção. Buscando analisar que figura é essa e qual seu papel, foca no coletivo social, complexo e cheio de nuances. Ressalta inicialmente que durante o texto irá trabalhar a figura do pedagogo com um cientista pedagógico, sem restringir, como o senso comum, à sala de aula. Senso comum este que é um fator fundamental para generalização da profissão e suas atuações. Os autores tem como objetivo refletir sobre esse pedagogo que além de docente é um cientista que desempenha um papel multifacetado e complexo, baseando-se num estudo aplicado para acompanhar trabalhos pedagógicos desenvolvidos por um grupo de professores da educação básica.

Apresenta, ainda, a educação com objeto e destaca a pedagogia, que como pouquíssimas, é traduzida na formação do docente numa multiplicidade de campos científicos. Os autores discorrem sobre a educação enquanto objeto de estudo para o cientista pedagógico para além da rotina em sala de aula, acredita que a complexidade social é o meio de refletir sobre a sua identidade e seu papel, que não se restringe aos modos tradicionais. Neste sentido, ele reflete sobre a prática pedagógica em conjunto com a ciência pedagógica com co-autores de uma nova sociedade.

Discute também sobre o papel do cientista pedagógico em ter consciência do seu papel político com o poder de estimular profundas mudanças na sociedade na qual está inserido. Acredita que para além do que está determinado socialmente, a escola é a ponte entre o sujeito e a transformação. Defende a observação social profunda e tangente às realidades das escolas públicas, como um ato capaz de implementar mudanças que ressignificam esses espaços, num diálogo entre escola e sociedade.

O autor também traz a questão da sociedade desigual e como a escola está inserida nesse ideologia que pretende ser mantidas por discursos distorcidos e forças maiores que impedem o desenvolvimento social via educação. Questão essa que depende do posicionamento e compromisso do cientista pedagogo, como agente transformador para valorização da educação e restabelecimento de sua função como instituição social, corrompida pelo tempo e sucateamento da classe.

Concluindo então a necessidade de reconstruir a visão da sociedade para com o pedagogo e do pedagogo para com a educação. São esses profissionais que têm nas mãos a oportunidade de projetar uma nova sociedade, pautados em gestões democráticas dialógicas e inclusivas.

Texto 2: Araújo, Rodrigues e Aragão, 2017

O artigo “**O (Des)lugar da pedagogia e da didática na formação dos professores**”, de Osmar H. Araújo, Janine Rodrigues e Wilson Aragão, publicado em 2017 na Revista on line de Política e Gestão Educacional, trata da relação fundamental entre a pedagogia, a didática e a formação dos professores em diversas áreas do conhecimento. A didática do ensino de pedagogia. Com o objetivo de tratar a didática e a formação de professores como temas indivisíveis.

Baseando-se na revisão de ensaios e pesquisas pertinentes ao tema e usando como principais referenciais teóricos: Maria Amélia Santoro Franco (2008), Selma Garrido Pimenta (2012) e José Carlos Libâneo (2006). Chega a conclusão de que os três campos apresentados, pedagogia, didática e formação de professores atuam como num ciclo, sem pedagogia não há didática, sem didática não a formação fundamentada de pedagogos capazes de desempenhar um bom trabalho didático-pedagógico, são campos indivisíveis que não podem se separar ou contrapor. (Araújo, Rodrigues e Aragão, 2017, p. 224)

Os autores iniciam o artigo destacando o entendimento sobre pedagogia e didática, indicando sua linha condutora formada por Franco, Pimenta e Libâneo entre outros autores. Base conceitual que caracteriza a pedagogia como ciência da educação voltada para a práxis, onde o fenômeno da educação é investigado em seus múltiplos aspectos, enquanto prática social, emancipatória e política.

O artigo discute sobre a formação docente baseada na articulação entre a pedagogia e a didática. Acreditando que:

[a] “atuação docente desvinculada desses campos limita o fenômeno educativo, enquanto prática social complexa, inibe a construção dos saberes docentes didáticos pedagógicos, impedindo que o professor se desenvolva como intelectual e, por consequência, apequena o seu papel social, pois passa a assumir a função de um mero técnico executor e transmissor de conteúdos previamente selecionados” (Araújo, Rodrigues e Aragão, 2017, p. 3).

Os autores contextualizam o debate trazendo uma ideia de pedagogia para a pedagogia. A formação docente acaba se distanciando de uma pedagogia real, sem situações reais de atuação, o que deixa um vazio na prática educativa enquanto alunos de graduação. Esta que por sua vez, não se articula a pedagogia enquanto ciência da educação, desfalca os conhecimentos da pedagogia e da didática, trazendo à tona dificuldades no dia a dia, interferindo no processo de ensino e aprendizagem.

Neste debate os autores enxergam a questão da necessidade de discussão sobre o professor docente e o professor pesquisador e qual deles os cursos nas universidades estão formando. Falta didática nos cursos formadores de pedagogos, que ao lidarem com a realidade não sabem como agir, fragilizando o ensino e levantando ainda mais a pauta de desvalorização da profissão. A falta da identidade faz com que, até dentro do próprio curso de formação, falta pedagogia para a pedagogia.

Diante desses determinantes, surge a questão: os cursos de pedagogia estão formando maus pesquisadores e maus professores? Qual seria o motivo? A falta de didática, a engessada matriz curricular? O que falta para formação de cientistas da educação de qualidade e professores cientistas com pleno conhecimento em didática? A desvalorização da classe inicia dentro dos próprios cursos?

O artigo aponta dois movimentos, que devem ser levados em consideração sobre o “(des)lugar do pedagogo” no debate: o da reflexão crítica de sua prática e a consciência das intencionalidades que presidem suas práticas. Observa-se a necessidade de refletir sobre qual é o perfil do profissional que está se formando nas universidades. Os autores, citando Libâneo, entendem que, “o que se espera de um professor é que, pelos conhecimentos que adquire e pela preparação

para atividade docente prática, vá formando um pensamento pedagógico e um modo de agir próprio”.

Por fim, os autores deixam claro a compreensão sobre como a pedagogia e a didática oferecem múltiplas escolhas teóricas e metodológicas a cada professor, por isso os mesmos podem se agarrar a elas e levá-las consigo no seu cotidiano. Reiterando que a formação, a pedagogia e a didática não se separam ou se opõem, são elas juntas, que definem uma educação de qualidade baseada em profissionais de qualidade.

Texto 3: Lima, 2018

Em “**Pedagogia líquida; um caminho para a ciência da práxis**”, de Cláudia Lima, publicado em 2018 na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, há a sistematização de discussões antigas, algumas datas da criação do curso, analisando a ambiguidade e a flacidez da pedagogia em seus condicionantes estruturais. Objetivando entender as incongruências entre campo político-ideológico, legislação e campo prático-profissional, em meio às disputas de forças entre teóricos da educação e políticos legisladores.

Com base na revisão de ensaios, literatura e pesquisas pertinentes ao tema e apoiados em autores como István Mészáros (2008), Dermeval Saviani (2013), Gaudência Frigotto e Maria Ciavatta (2003) , José Carlos Libâneo (2001), Selma Garrido Pimenta (2006), Maria Amélia Santoro Franco (2008), Acácia Kuenzer (2007) e Marli de Fátima Rodrigues (2007), e no conceito sociológico de modernidade líquida de Zygmunt Bauman (2001; 2005), a autora conclui que não há uma ciência exclusiva para a educação e a pedagogia como uma força estruturante da educação não pode permanecer, com uma fragilidade em sua identidade. A liquidez da pedagogia favorece a descontinuidade do projeto de ciências da práxis e impede, conseqüentemente, o avanço teórico-prático da educação.

A autora inicia discorrendo sobre a história do pedagogo e como desde o princípio seu papel foi precarizado. Papel esse que requer ainda hoje uma identidade que não foi definida, mas mesmo sem uma definição, resiste e se adapta, sendo um constante objeto de discussão. A análise de um objeto multifacetado

como a pedagogia implica numa análise de questões hierarquicamente determinadas e sua conjuntura social desenvolvida até então.

O artigo se apoia em dois pilares para a discussão: a reforma educacional na América Latina e no Caribe e as últimas diretrizes do curso de pedagogia em consonância com os interesses dos organismos internacionais para a educação brasileira e com as relações sociais e profissionais fugidias. Um dos pontos destacados é a premissa neoliberal sobre a educação, determinando-a como agente salvacionista da economia, muito reforçada nas reformas tayloristas de caráter tecnicista no Brasil na década de 70.

Um questionamento interessante apresentado pela autora é: “De qual reforma em educação e de qual pedagogia precisamos?”. Ela cita Mészáros (2008) para responder:

"qualquer reforma em educação que não esteja comprometida com a modificação da estrutura do capital não passa de mero ajuste para remediar os “piores efeitos da ordem reprodutiva capitalista estabelecida sem, contudo, eliminar os seus fundamentos causais antagonicos e profundamente enraizados” (p. 594)

Pensando sobre como as reformas da educação, em especial no Brasil, foram feitas para acompanhar o cenário internacional, nasce o conceito de Pedagogia Líquida, por Lima em 2018. Ela discute sobre a superfluidade da área de conhecimento que vacila entre teoria e prática, a investigação e a instrumentalização, a ciência e experiência, a especialidade docência e a generalidade não docência, a saber, pedagogia.

Nesse contexto, a autora traz outros horizontes acerca da formação e da atuação do pedagogo. Entrando na discussão sobre as atuações do pedagogo, destaca a atuação como pesquisador, citando a discussão sobre o currículo da pedagogia realizada por Franco, discorre sobre a idealização de se formar além de professores, formar também cientistas da educação, de modo a fugir da sistematização da alta cultura que limita a atuação do pedagogo (p. 595).

Essa limitação reduz a pedagogia à docência, essa redução deforma a formação do pedagogo, uma vez que a legislação abre uma multiplicidade de atuação sem conseguir convencer de que tal maneira isso se daria na formação.

Essas diretrizes favorecem a indefinição do profissional para o pedagogo, liquefazendo sua identidade.

A pedagogia líquida é o campo de conhecimentos que emerge após resoluções legais que focam nas práticas educativas e "subestimam o potencial científico e epistemológico dos processos educativos" (Lima, 2018, p. 597). Nesse contexto, o profissional pedagogo enfrenta as incertezas da profissão, característica base da modernidade líquida.

As diretrizes do curso, que parecem preconizar uma identidade sólida docente, sofrem influência da liquidez pós-moderna, propondo possibilidades plurais de atuação profissional, sem, contudo, especificá-las.

Esse cenário resulta na diminuição da presença dos profissionais cientistas nas instituições escolares. A redução da cientificidade e dos conhecimentos epistemológicos no processo de formação dos pedagogos se une com os interesses pragmáticos e imediatistas se unem aos ditames da política econômica do descartável, sem qualidade ou preocupação com os resultados em longo prazo.

A pedagogia líquida revela a necessidade do resgate de seu caráter científico-epistemológico. Mais uma vez recorrendo à obra *Pedagogia como ciência da educação*, de Franco, a autora destaca que "é preciso priorizar a pedagogia como ciência específica da educação, pois outras ciências não dão conta da complexidade e da superfluidade das manifestações educativas, podendo, inclusive, descaracterizá-las" (Lima, 2018, p. 600).

De acordo com Lima (2018), "a pedagogia líquida age como facilitadora para abertura da proposta formativa educacional, uma pedagogia que promova pesquisa e produção teórica com base na práxis educativa" (p. 601). E defende que é por meio da práxis que a pedagogia poderá ter caráter transformador na educação.

Por fim, a autora destaca que não ter uma ciência que estude a própria educação dá abertura para importação de modelos e metas educacionais, destoantes da nossa realidade. Não temos uma ciência exclusiva para educação, falta essa que é resultado de uma não-construção de identidade, tornando uma profissão frágil. Não há transformação social sem teoria, prática, pesquisa e embasamento.

Texto 4: Cunha e Santos, 2021

Em **“Pedagogia e Pedagogos: uma análise curricular sobre a formação inicial e seu campo de atuação profissional”**, Emerson Gonçalves Cunha e Josué Leite dos Santos fazem uma análise e reflexão acerca da formação do docente e suas consequências para a construção da identidade do pedagogo. No artigo publicado em 2021 na revista *Ensino em Perspectivas*, os autores buscam refletir sobre como a formação do pedagogo para atuar em espaços não-escolares é contemplada na proposta curricular do curso de pedagogia da Campus Jequié da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Baseados em uma investigação documental, numa abordagem qualitativa, tendo como alcance descobrir variáveis não determináveis que moldam e ajudam a definir a pesquisa e usando de base Libâneo (2007), Pimenta (2001;2005); Brandão (1995); Ilma Passos Alencastro Veiga (200;2003); Paulo Freire (2007); Márcia Ângela Aguiar (2006) e Ghiraldelli (2006). Indicam que as reflexões apontam que o compromisso dados aos espaços não-escolares na formação do pedagogo necessita de atenção. Cabendo aos formadores de profissionais da educação desenvolver currículos que insiram os formandos em outras áreas de atuação que não as escolares, criando um processo de formação mais complexo e significativo. Essa inserção auxilia no reconhecimento de afinidades, interesses e possibilidades do pedagogo.

Os autores iniciam tratando da educação com um processo contínuo, destacando que não há fim no mesmo, pois se baseia nas infinitas e constantemente renovadas relações interpessoais. Desse modo, a educação se faz presente em todos os espaços, escolares e não-escolares, formais ou informais, detentos de sistematização ou não. Compreende-se então que em qualquer espaço pode haver construção de conhecimento.

A redução da atuação do pedagogo é o debate enfrentado pelos autores, onde traz uma reflexão sobre o processo formativo do pedagogo. Formação esta que não deve ser apenas focada na prática escolar, mas ir além dos muros da escola. Destaca também que os processos educativos não se esgotam na escolarização, vão além do institucional e produzem amplos significados.

Por conseguinte, apresenta a metodologia usada, que foi um estudo bibliográfico, documental de abordagem qualitativa, baseada em uma análise dos mais diversos tipos de documentos.

Nos resultados, os autores discutem, baseado nos documentos legais, a concepção de docência e as especificidades de atuação do pedagogo, apresentando a ideia majoritária de atuação na docência e no magistério. A Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, de 1996) compreende a docência como função maior, contudo não restringe o formando à essa atuação.

De acordo com os documentos legais, há sim outras possibilidades de atuação, entretanto cabe aos cursos e currículos de pedagogia trabalharem pela formulação de cursos de graduação que abranjam todas as possibilidades de atuar no mercado profissional. Observando então que, as articulações entre as Diretrizes Curriculares Nacionais da Pedagogia e os Projetos Políticos Pedagógicos dos cursos, delimitam a construção das demais habilidades do pedagogo e de seus saberes profissionais, consequentemente impactando no seu campo de atuação.

Os autores concluem que, a LDB entende que a pedagogia compreende muito mais que a docência, podendo atuar além da sala de aula, com a possibilidade da construção do processo pedagógico e educativo em todos os espaços. Porém, os currículos formativos reduzem à docência, precarizando a profissão. Destaca ainda que o pedagogo especialista passeia por diversas áreas, de modo que sua formação requer qualificações e saberes que dêem aporte para sua atuação nos diversos espaços.

Cabendo aos formadores de profissionais da educação desenvolver currículos que insiram os formandos em outras áreas de atuação que não as escolares, criando um processo de formação mais complexo e significativo. Essa inserção auxilia no reconhecimento de afinidades, interesses e possibilidades do pedagogo.

Texto 5: Castaman, Junges Júnior e Vieira, 2020

No artigo **“A formação inicial enquanto espaço de desconstrução da experiência primeira: a construção do espírito científico do profissional pedagogo”**, de Ana Sara Castaman, Mário L Junges Júnior e Josimar Vieira,

publicado em 2020 na revista *Conjectura, Filosofia e Educação*, temos a desconstrução do senso comum sobre a própria formação enquanto pedagogos, para a construção do interesse pelo saber científico, ultrapassando a linha da aceitação da teoria base. Buscando refletir sobre as contribuições da formação inicial do pedagogo para a desconstrução da experiência primeira. pesquisa bibliográfica documental, usando como referenciais teóricos: Pierre Bourdieu, Jean-Claude Chamboredon e Jean-Claude Passeron (1999); Gaston Bachelard (2000;2005); Menga Lüdke (2002); John Elliott (2005); Selma Pimenta (2005); José Libâneo (2006); Alessandro de Melo (2006); Gomes e Fonseca (2007); Ionaldo Neres Leite (2007); Dirce Mendes da Fonseca (2008); Boaventura de Sousa Santos (2008); David Velanes (2017), entre outros que se ocupam com a temática. Ainda: analisou as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, Licenciatura (2006).

Conclui que vários são os motivos para a escassez científica no campo pedagógico, desde as legislações ao cotidiano da formação de um pedagogo. A formação inicial do pedagogo deve contribuir para a formação do espírito científico, ampliando sua atuação como cientista da educação. A formação do pedagogo-pesquisador deriva de sua formação, é necessário continuar insistindo nessa desconstrução para desenvolver essas características no graduando em pedagogia.

Os autores iniciam discutindo sobre o reducionismo do curso de Pedagogia às metodologias de ensino e procedimentos, para desconstrução dessa redução os autores usam Libâneo, que caracteriza a pedagogia como ciência que estuda sistematicamente a educação. Contudo, com base em Bachelard (2000), no que se refere aos obstáculos epistemológicos, há uma certa imobilidade do conhecimento, o que impossibilita o desenvolvimento científico. O que resulta num desinteresse de aprofundamento e questionamentos de questões mais profundas por uma nova ciência.

Nesse sentido, os autores apresentam a ideia da “experiência primeira” que é aquela colocada antes da crítica, é a aceitação dos fatos sem questionamentos, é aquela que desenvolve e alimenta o senso comum. O autor fundamentado em Bachelard, o espírito científico se atrela à capacidade de reconstrução do conhecimento já adquirido. O espírito científico reivindica uma capacidade crítica, capacidade dissolvida pela experiência primeira. A experiência

primeira aparece como obstáculo e como contrapensamento ao conhecimento científico, pois nela há um encantamento por aquilo que se descobre no que a natureza oferece.

Com base em Velanes (2017), observa que a experiência imediata deve ser substituída pela construção do conhecimento, pois este não é óbvio, necessita de uma desconstrução do conceito inicial para desenvolver os questionamentos e afastar o cientista do imediatismo. O comodismo é parceiro da experiência primeira e andam opostos a criticidade imediata.

O segundo obstáculo é o conhecimento geral, pois de antemão ele facilita o entendimento dos fenômenos e generaliza o conhecimento pré-científico. Se não há criticidade ocorrem as generalizações, que são satisfatórias para que qualquer um perca o interesse em se aprofundar nos estudos. Outro fator que generaliza a pedagogia são as próprias legislações, que a reduzem sua atuação e especificidade, fragilizando sua identidade e dando espaço a outras ciências como Sociologia e Psicologia. A pedagogia tem sido reduzida a uma área que aplica conhecimentos mas que não produz os mesmos.

A formação desse espírito científico nos pedagogos requer a reconstrução dos seus próprios saberes. Não há como mudar o desconhecido, é necessário uma superação, a partir do encontro com a teoria, para que o sujeito supere os obstáculos. Assim, temos o ponto mais difícil de superar na primeira experiência: o saber fácil.

Os currículos e as legislações reforçam essa falta de espaço para a pesquisa e ambientes que instiguem os alunos de pedagogia a saírem da redoma do saber fácil. Há uma lacuna entre o que é feito e o que é pretendido. A pesquisa e o conhecimento científico precisam ser identificados como parte do trabalho docente, uma vez que essas pesquisas podem auxiliar na qualificação do ensino. A formação inicial em Pedagogia precisa trazer para seu contexto a reflexão e a internalização da prática científica.

Assim, para que a formação inicial contribua com a formação do espírito científico do pedagogo, há a necessidade que os próprios cursos de formação inicial superem os obstáculos da experiência primeira e da generalização, assim colaborando para o fim da inércia dos alunos diante dessa problemática.

Texto 6: Alvarez e Rigo, 2018

No artigo “**Pedagogia em ação: o papel do pedagogo e suas diversas atuações**”, Adrian Alvarez e Mariana Rigo discutem sobre as áreas de atuação do pedagogo. O estudo, publicado em 2018 no Boletim Técnico do SENAC, tem o objetivo analisar o papel e seus possíveis campos de atuação e contribuir para que os estudantes de pedagogia possam vislumbrar suas aptidões e potencialidades nos vastos campos da aplicação do seu conhecimento. Através da revisão de ensaios e pesquisas pertinentes ao tema usando como referência: Franco, Pimenta, Ribeiro (2011) e Libâneo (2006). Chegam a conclusão de que os cursos de pedagogia não abordam com afinco as demais possibilidades de atuação do pedagogo para além da sala de aula. Há uma emergente necessidade de revisão dos currículos e do processo formativo dos pedagogos para que possam ter acesso pleno às multiplicidades de sua atuação em sociedade.

Os autores iniciam seu artigo destacando que apesar das diversas possibilidades que o pedagogo possa desenvolver, o egresso deste curso, quase em sua totalidade, apresenta como principal atividade a docência escolar. Aponta como objetivo apresentar outras áreas de atuação, contribuindo para a expansão do conhecimento do pedagogo.

Em seguida ele traz memórias sobre o curso de pedagogia, primeiro, caracterizando a pedagogia como uma área educativa que tem por finalidade ensinar a teoria e prática, estimulando o aprimoramento do saber. A esse respeito, Libâneo observa que a Pedagogia é um campo do conhecimento que estuda sistematicamente o ato educativo concreto que se realiza na sociedade como item básico para a configuração da atividade humana.

Baseado nos parâmetros legais o pedagogo formado, precisa desempenhar e se mostrar capacitado para atuar nas diversas áreas, tanto administrativas, dentro do espaço escolar, como na formação do conhecimento científico. Evidenciando que a pedagogia não é um curso apenas, é um campo que compõe o conhecimento científico. O profissional dessa área realiza tarefas educativas na formação e na construção da sociedade, dessa maneira dividindo sua atuação em dois campos: escolar e não-escolar. A atuação do pedagogo, portanto,

vai muito além dos espaços escolares, ele está presente em qualquer lugar que exija a transmissão e assimilação de conhecimento. Partindo do pressuposto da formação continuada e da constante renovação das questões sociais, o pedagogo precisa estar em constante qualificação.

Em seguida os autores apresentam as mais diversas possibilidades de atuação: pedagogia escolar, hospitalar, empresarial, meios de comunicação, sindicatos, turismo e museus. Em todas essas, de modo sintetizante, o pedagogo para além de um docente ou especialista em educação, é o profissional capaz de sistematizar a educação para qualquer que seja o ambiente, buscando formas de contribuir para a evolução e geração de conhecimento. É o profissional que usa de seus estudos e de sua ciência como meio de transformações da realidade de cada espaço no qual está inserido. Constatou-se então a necessidade de abordar-se nos cursos de formação as mais diversas possibilidades de atuação.

Texto 7: Pooli e Ferreira, 2017

No texto **“Pedagogos construindo suas identidades: entre adscrição e escolhas”** os autores, João Paulo Pooli e Valéria M. R Ferreira, discutem sobre a construção e estabelecimento da identidade pedagógica do professor em contraponto a sua atuação real e cotidiana. O texto, publicado em 2017 na Educar em Revista, tem como objetivo discutir sobre as configurações das identidades dos pedagogos, tendo como referência principal as múltiplas dimensões que são oferecidas e as atividades que esses profissionais assumem no campo de trabalho.

Tendo por base uma pesquisa realizada com coordenadores pedagógicos de escolas públicas da cidade de Curitiba e como referencial teórico os estudiosos: Stuart Hall (2003), Zygmunt Bauman (2005) e Norbert Elias (1980). Concluindo que a concepção acadêmica sobre a identidade do pedagogo foi transformada, mas as estruturas administrativas escolares permaneceram quase intactas. O resultado disso é uma precarização do trabalho do pedagogo, que passa a assumir praticamente todas as demandas que envolvem alunos e professores nas escolas.

Os autores iniciam destacando o conceito de identidade, sendo esse processo de identificação de si uma forma de tornar os sujeitos pertencentes a um grupo por suas semelhanças, bem como destacá-los pelas suas diferenciações.

Porém essa homogeneização conta com um número muito grande de pessoas singulares, o que pode deixar opacas as particularidades. De certo modo a identidade pode ser uma forma de acolhimento, pertencimento, vinculação ou até mesmo relacionamento.

Os autores usam como principal referencial teórico Stuart Hall, que diz que as identidades constroem para o reconhecimento de uma origem comum, contudo é contínua e nunca está concluída. Para Hall as identidades funcionam como pontos de adesão temporária, sendo um ponto tranquilizador do sujeito no que diz respeito a suas incertezas e seguranças. Deste modo, trazendo para nossa área de estudo, a produção de identidade, no caso dos pedagogos, também está vinculada a certos objetivos que dizem respeito às práticas efetivas na profissão.

As profissões são ocupações que os sujeitos assumem e se expressam em práticas concretas. Se as profissões são reconhecidas pelas práticas, está implícito que elas importam em um conjunto de conhecimentos e capacidades. Esse e outros argumentos, abrem caminho para que possamos analisar uma profissão como parte de um conjunto de relações que se configuram ao longo do tempo e são mediadas pelas condições concretas do seu exercício e das instituições onde são praticadas. Essas relações de teoria e prática formam o núcleo das Ciências da Educação.

As articulações, as legislações, seus formuladores, quase todos educadores, acerca dessa ciências, destinam aos pedagogos um conjunto muito amplo de tarefas. Essa amplitude gera uma crise na sua identidade profissional, pois inicia-se um processo de insuficiência para o cumprimento de tantas obrigações. Faz-se, então, necessário a delimitação do trabalho do pedagogo nas escolas, tendo como base as contribuições das ciências da educação para os processos educativos.

A falta dessa limitação deixa claro, através das entrevistas, a confusão quanto a auto identificação e quanto esse processo precariza o fazer pedagógico, uma vez que, durante o tempo em escola, o pedagogo desenvolve múltiplas atividades que não o fazer pedagógico. A identidade do pedagogo é atravessada pela angústia e tensão entre o que ele acha que deveria fazer e o que ele realmente faz.

Fazendo jus ao título do trabalho, a construção da identidade do pedagogo coexistem duas disposições: uma escolhida e estruturada na formação acadêmica e outra presente no dia a dia nas reais condições encontradas nos ambientes escolares. Outra questão contribuinte, conforme o trecho a abaixo, é a própria concepção acadêmica do pedagogo, o que reforça a ideia centralizada de pedagogo docente dos currículos. Sobre essa questão, os autores citam Bauman (2005):

Em relação à participação do trabalho na construção da identidade, pode-se inferir que os pedagogos têm uma interdição da identidade pensada. Tratando dos processos de identificação, cita dois polos: os que mais ou menos, através de vontade própria, escolhem sua identidade num leque de ofertas amplas e os que têm essas escolhas negadas, que não podem manifestar suas preferências, que se vêem oprimidos por identidades impostas, as quais não têm permissão para abandonar e nem das quais conseguem se livrar. Bauman (2005, p. 44-45 apud Polli; Ferreira, 2017).

Que pedagogo e que pedagogia? A formação do pedagogo está concentrada na qualidade dos processos, mas falham na apresentação da realidade ao graduando. Após formado o egresso acaba por se sentir deslocado, tendo então que aprender com a realidade, fragilizando a identidade acoplada em si durante a sua formação e potencializando a angústia de não terem seus papéis profissionais reconhecidos. Do ponto de vista da legalidade, as Diretrizes Curriculares Nacionais de Pedagogia, indicam tantas funções que o real papel do pedagogo se dissolve, como por exemplo: atuar com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa, equânime, igualitária; compreender, cuidar e educar crianças de zero a cinco anos, de forma a contribuir, para o seu desenvolvimento nas dimensões, entre outras, física, psicológica, intelectual, social; fortalecer o desenvolvimento e as aprendizagens de crianças do Ensino Fundamental, assim como daqueles que não tiveram oportunidade de escolarização na idade própria; trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo; reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas, cognitivas, emocionais e afetivas dos educandos nas suas relações individuais e coletivas; aplicar modos de ensinar diferentes linguagens, Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes, Educação Física, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano, particularmente de crianças, entre outras funções.

Esse cenário contribui para a perda da identidade, fazendo com que o pedagogo não pertença nem a um grupo nem a outro grupo, não há lugar de definição para os pedagogos. Esses profissionais precisam ser ouvidos.

Conforme dito anteriormente, para fins de análise os artigos foram classificados em dois grupos: 1. textos que tratam especificamente da formação docente e suas contribuições para a construção da identidade do pedagogo ; 2. textos que mostram vários fatores que contribuem para o distanciamento da compreensão da pedagogia como ciência.

Franco, Garrido, Pimenta (2011) e Libâneo (2006) aparecem com maior frequência entre os autores de referência. O quadro a seguir apresenta os principais autores utilizados como referências nos textos selecionados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo a análise e reflexão sobre os motivos pelos quais os profissionais graduados no curso de pedagogia não expandem o olhar sobre o próprio papel, compreendendo-se como um educador cientista.

A pesquisa foi realizada através de um levantamento bibliográfico em que foram selecionados 7 (sete) artigos que contribuíram para uma discussão acerca da pedagogia para além da docência. Com base nos textos foi possível verificar uma grande necessidade de reformulações de currículos dos cursos de pedagogia, bem como uma construção de identidade pelos próprios profissionais.

Pensar sobre o fazer pedagógico, senso comum, nos remete ao cenário da sala de aula, crianças pequenas e muitos materiais coloridos. Os lugares de atuação do pedagogo se expandiram. A literatura analisada evidencia a necessidade de se pensar a formação e a identidade desse profissional de forma ampliada, considerando as demandas educativas atuais.

Na década de 90 o cenário nacional teve mudanças consideráveis em organizações institucionais de diversos setores. O avanço tecnológico, já no final da década, ressignificou muitas profissões e sobre o que elas atuariam, não foi diferente com o profissional da pedagogia.

A compreensão e posicionamento ante a esse processo exige um posicionamento que descarte o reducionismo da atuação do pedagogo ao espaço escolar, à sala de aula. Esse profissional, como visto, pode atuar em diferentes áreas postas pelos novos arranjos no mundo profissional. No entanto, ponto comum

nos textos analisados, é o fato de que a formação desse profissional não tem sido adequada às demandas postas para a educação na atualidade.

A leitura dos artigos selecionados permitiu, também, a reflexão sobre a importância de se traçar um novo perfil de atuação desse profissional. A formação do pedagogo diante desse novo cenário deve estar firmada na compreensão adequada de seu objeto de estudo, a educação. Por outro lado, não se descola de questões relacionadas à carreira, à valorização e combate à precarização da profissão e a considerar as questões mais gerais da desigualdade e exclusão no capitalismo.

Quando se firma a pedagogia como ciência se deixa de lado suas restrições, comparemos com a ciência da saúde e suas mais variadas ramificações e possibilidades a educação para o pedagogo ocorre da mesma forma ou até mesmo ainda mais expansiva pela sua capacidade de transformação. Ao observar dessa perspectiva a educação sai da sala de aula sem perder sua essência, garantindo a ideia de que a atuação do pedagogo em espaços que não seja o escolar não desqualifica nem inferioriza o fazer pedagógico e seus resultados a partir de um objetivo.

Apresentar o pedagogo como um profissional para além da sala de aula é um desafio, requer a desconstrução de ideias fixas sobre sua formação e atuação. Nesse sentido, se faz o aprofundamento por meio de novos estudos, com pesquisas de campo, ouvindo e compreendendo na prática o que sentem os graduandos do cursos de pedagogia. É também necessário o debate sobre em que sentido os professores dos cursos, em suas áreas de pesquisas, podem contribuir para a desconstrução e reconstrução da identidade do pedagogo e do fazer pedagógico.

Neste trabalho, buscamos trazer uma pequena contribuição para a discussão e aprofundamento da identidade do pedagogo, sem o reducionismo implementado pelas legislações, ambientes de trabalho e formação acadêmica. Por outro lado, uma vez não tendo clareza sobre o que de fato é educação, há um movimento de redução na análise do papel do pedagogo, enquadrando-o apenas aos procedimentos didáticos educacionais, mais uma vez desconhecendo a pedagogia como ciência. Por fim, muitos são os fatores que contribuem para esse cenário que precisa ser urgentemente revisto e repensado de modo que a valorização da formação desse profissional possa finalmente triunfar.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Por todo conteúdo apresentado até aqui, pensar sobre as perspectivas profissionais parece muito mais uma questão de continuidade na luta por reconhecimento do que reprodução de métodos e técnicas implicada na rotina diária do pedagogo. Todo o processo de formação, na graduação, me direcionou para uma postura profissional de luta, fazendo com que eu enxergue outras possibilidades para além da sala de aula, galgando um espaço entre aqueles que buscam colocar ânimo e coragem nos professores das próximas formações.

Tendo como base este trabalho de conclusão de curso, busco futuramente continuar um estudo mais aprofundado sobre as questões extras às salas de aula e a atuação do pedagogo, através da realização de mestrado, pós-graduação stricto sensu e possivelmente um doutorado. Usando de base o desenvolvimento desses estudos, pretendo futuramente estar em sala de aula, ajudando na formação dos novos profissionais, auxiliando na construção de suas identidades profissionais e dando base para novos pedagogos, cada vez mais capacitados a serem agentes transformadores não somente da sociedade, mas também da classe a qual integram.

Há muitos caminhos na vida a serem seguidos, encontra-me com a educação foi, sem dúvidas um caminho de grande valia, apesar das dores, um caminho de recompensas. Há educação em todo lugar, há transformação em cada espaço ocupado por um pedagogo. Portanto, indiferente ao que acontece no futuro, continuarei sendo uma pedagoga cientista e educadora, capaz de gerir a educação e de administrar e compreender os fenômenos educativos, sejam eles nas escolas ou não.

Entender a educação como uma pluralidade permite que eu me identifique como uma profissional, também, plural. Isso me possibilita atuar em inúmeros espaços de modo que eu não perca a finalidade da minha profissão. Como pedagoga pretendo futuramente transformar vidas, espaços, pessoas e conjunturas. Há muita luta pela frente e minha formação será meu escudo contra as tentativas de desmonte da educação, desde a educação infantil à superior.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Adrian.; RIGO, Mariana. **Pedagogia em ação: o papel do pedagogo e suas diversas atuações**. Boletim Técnico do Senac, v. 44, n. 2, 20 ago. 2018. DOI: <https://doi.org/10.26849/bts.v44i2.694>
- ARAÚJO, Osmar Hélio.; RODRIGUES, Janine Marta Coelho; ARAGÃO, Wilson Horonato. **O (des)lugar da pedagogia e da didática na formação dos professores**. Revista on line de Política e Gestão Educacional, Araraquara, p. 215–226, 2017. DOI: 10.22633/rpge.v21.n1.2017.9534.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. 5. impr. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CASTAMAN, Ana Sara ; JÚNIOR, Mario Luiz Junges e VIEIRA, Josimar de Aparecido (2020). **A formação inicial enquanto espaço de desconstrução da experiência primeira: a construção do espírito científico do profissional pedagogo**.
- CANDAU, Vera Maria. **Qualidade da educação: questões e desafios**. In: CANDAU, Vera Maria.; SACAVINO, Suzana Beatriz. **Reinventar a escola**. 6 ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.
- CANDAU, Vera Maria. **A didática e a formação de educadores: Da exaltação à negação: a busca da relevância**. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **A didática em questão**. 28. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 13-25.
- CORTELA, Mário Sérgio. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 9 ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.
- CUNHA, Emerson Gonçalves; SANTOS, Josué Leite dos. **Pedagogia e Pedagogos: uma análise curricular sobre a formação**. Ensino em Perspectivas, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 1–14, 2021.
- ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia** Braga: Edições 70, 1980.
- ELIAS, Norbert. **Escritos & Ensaios: 1. estado, processo, opinião pública**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor , 2006.
- FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia como ciência da educação**. São Paulo: Papirus, 2. ed., 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessário à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **O que é pedagogia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1966.
- HALL, Stuart. **A centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação & Realidade, v. 22, n. 2, jul./dez., 1997.
- HALL, Stuart. (Org.). **Questiones de identidade cultural**. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.
- LIBÂNEO, José Carlos. **O ensino da didática, das metodologias específicas e dos conteúdos específicos do ensino fundamental nos currículos dos cursos de pedagogia**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, 2010.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?**. São Paulo: Cortez, 2002.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Produção de saberes na escola: suspeitas e apostas**. In: CANDAU, Vera Maria (org.) **Didática, currículo e saberes escolares**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 11-45.
- LIMA, Cláudia de Medeiros. **Pedagogia líquida: um caminho para a ciência da práxis**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 99 n. 253, 2018. DOI: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.99i253.38817>
- MENTA, Selma Garrido. **Formação de professores - saberes da docência e identidade do professor**. In: PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e**

atividade docente. São Paulo: Cortez, 1999.

PIMENTA, Selma Garrida; LIMA, M, S, L. **Estágio e docência: diferentes concepções**. Revista Poíesis, [s. n.], v. 3, n. 3. 2005/2006, p. 5 - 24. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/10542>. Acesso em: 24 mar. 2021.

PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

POOLI, João Paulo; FERREIRA, Valéria Milena Rohrich. **Pedagogos construindo suas identidades: entre adscrição e escolhas**. Educar em Revista, mai./jun. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.50166>

RICARDO, Jonathan Guedes da Silva. **O papel do cientista pedagógico numa sociedade complexa: entre a prática, o academicismo e o comprometimento social**. Revista Magistro, v. 2,n.18,2018.

APÊNDICE: QUADRO DOS ARTIGOS SELECIONADOS

Autor(es)	Título	Resumo	Palavras-chaves	Periódico	Ano	Link	Busca
ALVAREZ, Adrian; RIGO, Mariana	Pedagogia em ação: o papel do pedagogo e suas diversas atuações	O objetivo deste trabalho é analisar o papel do pedagogo e seus possíveis campos de atuação. O texto aborda a educação formal, não formal e informal, bem como suas definições e o papel social da prática pedagógica presente para além da docência e do ambiente escolar, refletindo sobre a atuação desse profissional em museus, hospitais, presídios, empresas, meios de comunicação e outros ambientes em que há projetos com foco educativo. Objetiva contribuir para que estudantes de Pedagogia possam vislumbrar suas aptidões e potencialidades nos vastos campos de aplicação do seu conhecimento.	Pedagogia, Diretrizes curriculares, Atuações do pedagogo	Boletim Técnico do SENAC	2018	https://www.bts.senac.br/bts/article/view/694	Google Acadêmico
ARAÚJO, Osmar H.; RODRIGUES, Janine M. C.; ARAGÃO, Wilson H. O	O (des)lugar da pedagogia e da didática na formação dos professores	Este artigo discute a relação que deve existir entre a pedagogia, a didática e a formação dos professores das diversas áreas do conhecimento, seja ela inicial ou contínua, pois parte da compreensão que são necessários componentes curriculares na formação dos professores que foquem o fazer docente, o fenômeno educativo e as práticas pedagógicas docentes. Para tanto, após considerar pesquisas e ensaios relevantes sobre o tema e considerando o objetivo de discorrer sobre o lugar da pedagogia e da didática na formação docente, o presente artigo discute aspectos que emergem em face desta temática, tais como: a formação didático-pedagógica docente; pedagogia enquanto ciência da educação; didática como campo teórico do ensino; e, sobretudo, busca entrecruzar a pedagogia, a didática e a formação dos professores. Por fim, sublinha-se que a formação dos professores, na maioria das vezes, não ocorre de modo articulado à pedagogia e que, por consequência, muitos docentes não conseguem construir saberes pedagógicos necessários à docência. À vista dessa constatação, este trabalho se encerra reiterando a compreensão que deve existir uma estreita relação entre a formação dos professores, a pedagogia e a didática, pois compreende-se que estes	Pedagogia. Didática. Formação docente.	Revista on line de Política e Gestão Educacional	2017	https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/9534	Google Acadêmico

		são campos indivisíveis.					
--	--	--------------------------	--	--	--	--	--

Autor(es)	Título	Resumo	Palavras-chaves	Periódico	Ano	Link	Busca
CASTAMAN, Ana Sara; JUNGES JÚNIOR, Mário L.; VIEIRA, Josimar A.	A formação inicial enquanto espaço de desconstrução da experiência primeira: a construção do espírito científico do profissional pedagogo	Partindo do pressuposto de que os obstáculos epistemológicos, propostos por Gaston Bachelard, provocam situações de imobilidade frente ao conhecimento, impossibilitando, na maioria das vezes, o desenvolvimento científico e bloqueando as capacidades dos sujeitos para uma atuação crítica e questionadora, característica da nova ciência, este artigo tem a finalidade de refletir sobre as contribuições da formação inicial do pedagogo para a desconstrução da experiência primeira. Para tanto, optou-se por uma pesquisa bibliográfica e documental pautada nos estudos de Bachelard que trata dos obstáculos epistemológicos à formação do espírito científico, nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia e dados de Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu de 08 (oito) Instituições Públicas e Privadas de Ensino Superior dos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, no recorte temporal de 2018. Tal relação, entre o que descreve as Diretrizes e o que Bachelard pontua na formação do espírito científico, apresenta-se como possibilidade de compreensão e abertura de discussões a respeito do distanciamento de profissionais pedagogos dos espaços de pesquisa e experiências científicas em educação. A partir do contato com as obras pesquisadas e as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, Licenciatura (BRASIL, 2006), percebeu-se entendimentos sobre a formação do pedagogo pesquisador, assim como pretextos para a necessidade de se continuar insistindo nessa dimensão formativa. Ainda, constatou-se que a formação inicial pode colaborar para a constituição do espírito científico do pedagogo, ampliando suas atuações enquanto cientista da educação. Para isso, torna-se necessário que os cursos de formação inicial tenham como fundamento a existência de obstáculos que podem, de modo negativo, contribuir para a inércia de seus estudantes.	Espírito científico. Formação de pedagogos. Diretrizes Curriculares da Pedagogia.	Conjectura, Filosofia e Educação	2020	http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/7949	Google Acadêmico
CUNHA, E. G.; SANTOS, J. L.	Pedagogia e Pedagogos: uma análise curricular	Este trabalho teve como objetivo investigar como a formação do pedagogo para atuar em espaços não-escolares é contemplada na proposta curricular do	Curso de Pedagogia, Formação do	Ensino em Perspectivas	2021	https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/5016	Google Acadêmico

Autor(es)	Título	Resumo	Palavras-chaves	Periódico	Ano	Link	Busca
	sobre a formação.	Curso de Pedagogia, campus de Jequié. Trata-se de uma investigação documental, numa abordagem qualitativa, tendo como alcance descobrir variáveis não determináveis que moldam e ajudam a definir a pesquisa, sendo fundamentada teoricamente em autores como Libâneo (2007), Pimenta (2001, 2005); Brandão (1995); Veiga (2000, 2003); Freire (2007); Aguiar (2006); Ghiraldelli (2006); Gohn (2006) e André (2002). Os resultados provisórios indicam que o compromisso dado aos espaços não-escolares na formação do pedagogo necessita de atenção. Assim, as discussões apresentadas podem contribuir com o processo de reflexão sobre o profissional que está sendo e deverá ser formado nos cursos de Pedagogia, uma vez que esses têm sido convocados a exercerem diversas atividades e atribuições em diferentes espaços educativos.	Pedagogo, Educação em espaço não-escolar				
LIMA, Cláudia de M.	Pedagogia Líquida: um caminho para a ciência da práxis	A pedagogia, cuja identidade é contínuo objeto de discussão entre educadores, entra em cena mais uma vez, sob a pretensão de retomar sua relevância após 12 anos da regulamentação das diretrizes do curso. Este trabalho parte da sistematização de discussões antigas, algumas das quais datam da criação do curso, para compreender incongruências entre campo político-ideológico, legislação e campo prático-profissional, em meio às disputas de forças entre teóricos da educação e políticos legisladores. A proposta de analisar a ambiguidade e a flacidez da pedagogia em seus condicionantes estruturais, portanto, partirá de dois grandes eixos que buscarão fundamentar a existência de uma pedagogia líquida em detrimento das ciências da práxis. O primeiro eixo se sustenta na reforma educacional na América Latina e no Caribe dentro do contexto da modernidade líquida e o segundo na relação entre os interesses dos organismos internacionais e as últimas diretrizes do curso. A perspectiva teórico-metodológica da investigação seguiu a linha crítica em educação, fundamentando-se especialmente em Mészáros (2008), Saviani (2013), Frigotto e Ciavatta (2003), Libâneo (2001; 2006; 2010),	Ciências da práxis, Pedagogia, Pedagogia Líquida.	Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos	2018	http://rbep.inep.gov.br/ojs/3/index.php/rbep/article/view/3686	Google Acadêmico

Autor(es)	Título	Resumo	Palavras-chaves	Periódico	Ano	Link	Busca
		Pimenta (2006), Franco (2006; 2008), Kuenzer e Rodrigues (2007) e Silva (2006) e no conceito sociológico de modernidade líquida de Bauman (2001; 2005). Quanto ao material utilizado, foram analisadas fontes primárias e bibliográficas. A pesquisa aponta para a superação da pedagogia como normatizadora e instrumentalizadora da atividade docente e sugere a apropriação dessa característica fluida como possibilidade de fortalecimento de sua identidade como ciência da práxis.					
POOLI, João Paulo; FERREIRA, Valéria M. R.	Pedagogos construindo suas identidades: entre adscrição e escolhas	O artigo discute sobre as configurações das identidades dos pedagogos, tendo como referência principal as múltiplas dimensões que são oferecidas e as atividades que esses profissionais assumem no campo de trabalho. As análises realizadas nesse texto partem principalmente das contribuições de Stuart Hall, Zygmunt Bauman e Norbert Elias. Por meio de uma pesquisa realizada com coordenadores pedagógicos de escolas públicas da cidade de Curitiba, podemos compreender que no processo de construção da identidade do pedagogo, coexistem duas disposições: uma escolhida e estruturada na formação acadêmica, e outra urdida no dia a dia através das reais condições estruturais e conjunturais encontradas nas escolas. Concluímos que a concepção acadêmica sobre a identidade do pedagogo foi transformada, mas as estruturas administrativas escolares permaneceram quase intactas. O resultado disso é uma precarização do trabalho do pedagogo, que passa a assumir praticamente todas as demandas que envolvem alunos e professores nas escolas.	Identidade; Pedagogo; Escola; Norbert Elias; Stuart Hall.	Educar em Revista	2017	https://www.scielo.br/er/a/zmSgijP7HfB8F6XxcLL8LNN/abstract/?lang=pt	SciELO Brasil
RICARDO, Jonathan G. S.	O papel do cientista pedagógico numa sociedade complexa: entre a prática, o academicismo e o comprometimento	O presente trabalho tem por finalidade refletir sobre quem são os pedagogos e qual o papel que esses profissionais e cientistas representam para a construção de determinado tipo de sociedade. Num local privilegiado que estão diariamente, contribuindo para a formação de cidadãos que amanhã desempenharão diferentes papéis numa sociedade altamente complexa como a nossa, o pedagogo tem nas mãos um	Cientista pedagógico; Cidadania; Desenvolvimento socioeconômico; Sociedade complexa.	Revista Magistro	2018	http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/5157	Google Acadêmico

Autor(es)	Título	Resumo	Palavras-chaves	Periódico	Ano	Link	Busca
	social	<p>compromisso que é destinado a poucos. Enfocar-se-á neste trabalho a concepção profunda e verídica do pedagogo não apenas como o profissional que está diariamente nas salas de aula ou nas empresas, mas principalmente como pensadores críticos que estudam o passado, analisam o presente e projetam o futuro de toda uma sociedade. Neste sentido, resgatamos esse papel científico que tão constantemente é esquecido pelo imaginário comum. Aliás, arrisco dizer que o pedagogo é uma referência no que diz respeito à magnitude de sua importância para toda e qualquer sociedade que, sagaz que é, vê na educação o principal instrumento que visa o desenvolvimento socioeconômico do coletivo, o combate às injustiças sociais e a oportunidade de transformações sociais significativas e que almejam o bem-estar e a vida digna para todos. Finalmente, desvendar-se-ão os constantes obstáculos que esses sujeitos comprometidos com o coletivo enfrentam dentro de uma plataforma que vê nos trabalhos pedagógicos que pregam a formação crítica e integrada uma ameaça para o status quo de indivíduos e grupos sociais que durante muito tempo concentram as riquezas e os meios produtivos quando da falta de conscientização de uma maioria.</p>					